



OFICINA DO CES

ces

Centro de Estudos Sociais
Laboratório Associado
Universidade de Coimbra

JÚLIA GARRAIO

**A LITERATURA ALEMÃ E A MEMÓRIA DA VIOLÊNCIA
SEXUAL NA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL**

**Março de 2014
Oficina n.º 410**

Júlia Garraio

**A literatura alemã e a memória da violência sexual
na Segunda Guerra Mundial**

**Oficina do CES n.º 410
Março de 2014**

OFICINA DO CES

ISSN 2182-7966

Publicação seriada do

Centro de Estudos Sociais

Praça D. Dinis

Colégio de S. Jerónimo, Coimbra

Correspondência:

Apartado 3087

3000-995 COIMBRA, Portugal

Júlia Garraio

Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra

A literatura alemã e a memória da violência sexual na Segunda Guerra Mundial

Resumo: O presente texto dá conta dos principais resultados do meu projeto de pós-doutoramento sobre a representação na literatura e na cultura alemã da violência sexual exercida pelos vencedores da Segunda Guerra Mundial contra mulheres e adolescentes alemãs. Começarei por apresentar uma breve cartografia da violência sexual na Segunda Guerra Mundial na Europa. Depois, concentrando-me na República Federal da Alemanha, discutirei o papel das violações na memória pública hegemónica da guerra, tentando simultaneamente promover um alargamento do *corpus* através da chamada de atenção para obras literárias que oferecem uma abordagem mais complexa ao fenómeno. Argumentarei a favor de uma análise transdisciplinar e defenderei a necessidade de futuros estudos se debruçarem sobre as representações dos “outros”.

Palavras-chave: violência sexual, literatura alemã, cultura alemã, memória, Segunda Guerra Mundial.

Em 2007 iniciei, enquanto pós-doutoranda no Centro de Estudos Sociais (CES) da Universidade de Coimbra, um projeto de investigação na área dos Estudos Literários financiado pela FCT.¹ Tratava-se de analisar, na literatura alemã, os modos de representação e de significação da violação de mulheres e adolescentes alemãs durante a Segunda Guerra Mundial, um trabalho que se focalizou sobretudo na República Federal da Alemanha e que acabou por integrar no *corpus* do projeto um número considerável de filmes e de memórias que abordavam a temática. Num seminário de pós-doutoramento realizado no dia 9 de junho de 2009 no CES, apresentei um apanhado dos principais resultados da investigação do primeiro triénio do projeto, um trabalho que deu origem a uma *Oficina do CES* com o título desse mesmo seminário “Os limites da representação: A violação da mulher alemã na Segunda Guerra Mundial” (*Oficina do CES* n.º 360, janeiro de 2011).² Nesse texto, em que remetia para alguns dos artigos que tinha produzido até então no âmbito da investigação, debatia-me sobretudo com os problemas inerentes à representação da violação, destacando os contributos do estudo

¹“A memória do sofrimento: representações da violência na literatura contemporânea alemã sobre a Segunda Guerra Mundial” (SFRH/BPD/28207/2006), sob orientação de António Sousa Ribeiro. O projeto inicial revelou-se muito vasto e optei por deixar de lado questões como os bombardeamentos aéreos às cidades alemãs e concentrar-me na questão da violência sexual e na sua representação desde a Segunda Guerra Mundial até à atualidade.

²Disponível em http://www.ces.uc.pt/publicacoes/oficina/ficheiros/3380_360.pdf.

dos discursos sobre o caso alemão da Segunda Guerra Mundial para a reflexão alargada e aprofundada sobre a representação da violência sexual.

O presente texto pretende ser um complemento a essa *Oficina* de 2011, em que serão retomados inevitavelmente alguns aspetos já aí abordados. Trata-se de uma versão traduzida e alargada da comunicação que apresentei, em língua alemã, no colóquio comemorativo dos 20 anos da Associação Portuguesa de Estudos Germanísticos (APEG) *Rückblicke, Ausblicke: 20 Jahre APEG*, que teve lugar na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, no dia 31 de outubro de 2013.³ Fora convidada para falar do projeto de pós-doutoramento que tinha acabado de concluir no CES, aproveitando a ocasião para apontar caminhos para a abordagem didática a um tema tão complexo e controverso. Assim, e seguindo a estrutura dessa comunicação em língua alemã, começarei por apresentar uma breve cartografia da violência sexual na Segunda Guerra Mundial na Europa. Depois, concentrando-me na República Federal da Alemanha,⁴ discutirei o papel das violações na memória pública hegemónica da guerra, tentando simultaneamente promover um alargamento do *corpus* através da chamada de atenção para obras literárias que oferecem uma abordagem mais complexa ao fenómeno. Argumentarei a favor de uma análise transdisciplinar e defenderei a necessidade de, tanto no ensino da literatura alemã como em futuros estudos, se prestar uma maior atenção às representações dos “outros”.

1. Violência sexual na Segunda Guerra Mundial na Europa

Quando se fala de violência sexual no espaço europeu durante a Segunda Guerra Mundial, pensa-se imediatamente na ofensiva soviética contra a Alemanha e sobretudo na conquista de Berlim. O romance espanhol *Demonios de Berlin* (Ignacio del Valle, 2009) é emblemático das imagens dominantes de violência sexual durante a Segunda Guerra na cultura e memória ocidentais contemporâneas: a batalha de Berlim como orgia de violência sexual; os corpos sexualizados das mulheres e adolescentes alemãs como

³ A comunicação teve como título “Erinnern, auswählen, vergessen, verschweigen, rekonfigurieren, in Frage stellen. Die deutsche Literatur und das Gedächtnis der sexuellen Gewalt im Zweiten Weltkrieg”.

⁴ A literatura produzida na República Democrática Alemã teve um destaque reduzido na minha investigação, sendo referida e analisada apenas pela sua relevância para entender o período pós-Reunificação. Sobre a memória das violações de 1945 na literatura da Alemanha de Leste veja-se sobretudo a investigação realizada pela germanista alemã Birgit Dahlke (e.g. 2000, 2007).

campo de batalha para a vingança soviética; o Exército Vermelho como hordas de violadores; os soldados russos como bárbaros repugnantes.⁵

Na historiografia alemã e anglo-saxônica há vários estudos que se ocupam da dimensão maciça das violações de mulheres alemãs durante e após a conquista da Alemanha pelo Exército Vermelho.⁶ É necessário adotar um olhar diferenciado que preste atenção à evolução e às variações na incidência do crime. Em zonas como a Prússia Oriental, a situação terá sido mais aterradora do que em Berlim. Antony Beevor, no seu *best-seller* de divulgação histórica *Berlin: The Downfall* (2002), sugere que, enquanto na Prússia Oriental se tratava sobretudo de violações por vingança, que, por isso, eram acompanhadas de um nível acrescido de brutalidade (mutilações, execuções, etc.), em Berlim houve muitas violações para celebrar a vitória (Beevor, 2002: 24-39, 406-20). Não se poderão distinguir tão facilmente estas duas dimensões suscetíveis de enquadrar cenários de violência sexual generalizada. Ainda que o momento da conquista tenha certamente desempenhado um papel decisivo – na Prússia Oriental foi a primeira vez que os soldados soviéticos entraram em território alemão numa altura em que a vitória ainda não era sentida como certa -, há que ter em conta igualmente o papel decisivo desempenhado pelos interesses políticos e militares. Antes de mais, é necessário não esquecer o significado da Prússia como “covil da besta nazi” na propaganda de guerra soviética. Para além disso, devemos recordar que, em regiões como a Prússia Oriental (bem como noutras como os Sudetas na Checoslováquia), os vencedores não tinham interesse na proteção da população alemã; pelo contrário, o objetivo era a sua remoção para facilitar a integração dessas zonas noutros Estados (Polónia, Rússia) e/ou para a criação de Estados etnicamente homogêneos (o caso da Checoslováquia). Em contrapartida, ainda antes do fim oficial da guerra houve a preocupação, por parte das altas cúpulas de poder em Moscovo, com a criação de uma entidade pró-soviética com Berlim como capital. Daí o famoso decreto de Estaline antes da batalha de Berlim a proibir a pilhagem e os maus tratos (sem efeito prático imediato), bem como posteriores esforços das autoridades para parar as violações na capital e noutras zonas do que viria a constituir a República Democrática Alemã.

⁵ Veja-se um outro exemplo desta imagem na cultura popular contemporânea, a longa-metragem britânica *Joy Division* (Reg Traviss, 2006), um *thriller* de espionagem cuja ação remete para Londres em plena guerra fria. O protagonista, um espião dos serviços secretos soviéticos, testemunhara na adolescência os horrores da conquista soviética da Prússia Oriental (nessas sequências é dado amplo destaque às violações).

⁶ Sobre as violações de mulheres alemãs por combatentes do Exército Vermelho, veja-se, por exemplo Beevor (2002), Grossmann (1995), Naimark (1995: 69-140); Schmidt-Harzbach (2005); Zeidler (2001).

São diversas as razões que costumam ser apontadas para explicar os elevados níveis de violência sexual por parte do Exército Vermelho na conquista e ocupação da Alemanha. É recorrente a referência ao desejo de vingança pelos crimes de guerra e pela brutalidade da ocupação alemã da União Soviética, um desejo de vingança que fora atizado por uma propaganda de guerra de diabolização da Alemanha, em que esta figurava por vezes como mulher demoníaca. Para além disso, cenários de guerra de fundo patriarcal em que ideologias racistas e construções étnicas desempenham um papel decisivo, tal como se verificou no ataque do Terceiro Reich à União Soviética, são marcados frequentemente por elevados níveis de violência sexual (as guerras de desintegração da Jugoslávia são um caso recorrente na bibliografia que analisa o elemento étnico como fomentador de violência sexual). Uma vez que, em sociedades marcadas por concepções patriarcais e construções raciais, a mulher funciona como garante da “pureza da raça”, da “coesão da etnia”, de uma identidade essencializada da comunidade, a sua sexualidade e a sua capacidade reprodutiva tornam-se objetivos na conquista da nação e na afirmação da vitória. As estruturas internas do Exército Vermelho tão pouco podem ser ignoradas, nomeadamente a falta de disciplina devido, em grande parte, aos elevados índices de mortalidade, bem como uma forte tendência para o assédio sexual das mulheres que integravam as forças militares (combatentes e do apoio logístico).⁷

A violência sexual durante a Segunda Guerra Mundial não se limitou, porém, ao Exército Vermelho, nem mesmo sequer nas regiões ocupadas ou sob influência da esfera soviética. Os testemunhos de civis alemães de zonas perdidas na guerra como a Pomerânia (atualmente parte da Polónia) e de regiões como os Sudetas (Checoslováquia) tornam claro que a violência sexual contra as alemãs foi perpetrada em grande parte por milícias e grupos armados locais, bem como por civis que se aproveitaram do caos e do clima de impunidade. De facto, o estudo da violência sexual no contexto imediato da fuga e da expulsão dos alemães da Europa Central e de Leste (os anos 1944-49) não se pode limitar a uma dicotomia redutora entre soldados russos violadores e civis alemãs violadas. Primeiro, é necessário ter em conta que uma grande parte dos violadores de mulheres alemãs foram indivíduos integrados em grupos armados ou agindo individualmente fora dos exércitos vencedores e provenientes das populações autóctones onde os civis alemães viviam (veja-se o caso dos Sudetas e das

⁷ Sobre o assédio sexual no Exército Vermelho ver, por exemplo, Bischl 2012.

chamadas *wilde Vertreibungen* [expulsões selvagens] no verão de 1945). Em segundo lugar, é preciso não esquecer que, embora as mulheres alemãs tenham sido as principais vítimas de violência sexual do Exército Vermelho, não foram as únicas. Numerosas mulheres polacas, russas que tinham sido levadas para a Alemanha como trabalhadoras, em muitos casos forçadas, bem como prisioneiras libertadas dos campos de concentração, sem esquecer mulheres de nacionalidade suspeita de cumplicidade, como as lituanas ou as húngaras, entre muitas outras, não escaparam à violência sexual perpetuada pelos vencedores no Leste.

Também as forças aliadas ocidentais tiveram de lidar com numerosos casos de violência sexual. No pós-guerra, as chefias militares norte-americanas, tal como a população alemã no geral, tendiam a ver os contactos sexuais entre militares norte-americanos e mulheres alemãs como relações de oportunismo e casos de prostituição. Recordemos expressões depreciativas junto da população alemã como *Ami-Mädchen* (rapariga dos americanos) ou a designação muito comum entre os militares norte-americanos *Veronika Dankeschön* [Verónica Muitobrigada], que tanto podia referir “mulher fácil” e prostituta como, na sua versão mais pejorativa, ser usado como metáfora para doença sexualmente transmissível.⁸ Os contactos sexuais entre militares norte-americanos e mulheres alemãs incluem, porém, um largo espectro de situações, desde histórias de amor, das quais algumas culminaram em casamentos e na mudança para os Estados Unidos, até um número de violações nada negligenciável, das quais apenas uma minoria chegou aos tribunais militares norte-americanos.⁹

Sobre a violência sexual perpetuada pelas forças britânicas e francesas em solo alemão há menos trabalho académico, embora entre a população alemã também houvesse a associação dos militares franceses a casos de violência sexual. Tal como se verificou com os soviéticos e os americanos, é notória uma tendência para a racialização dos violadores: as tropas coloniais francesas (isto é, os árabes e os negros), bem como os mongóis do Exército Vermelho e os negros do Exército Norte-Americano, tendem a ser identificados como os violadores dessas instituições militares. Tal não significa necessariamente que entre esses grupos tenha havido um maior número de violadores,

⁸ São numerosos os posters do Exército Norte-Americano a alertar os soldados para o perigo das relações sexuais com alemãs (designadas por *Veronika Dankeschön*). Estas surgem normalmente como mulheres sedutoras que escondem a máscara da morte. Poder-se-ão ver alguns exemplos de miniaturas em <http://www.wirtschaftswundermuseum.de/erotik-50er-jahre-1.html>. Consultado a 10.10.2010.

⁹ Sobre a violência sexual perpetrada pelos militares norte-americanos em solo europeu no contexto da Segunda Guerra Mundial surgiram na última década importantes contributos entre os quais se destacam os estudos: Lilly, 2003; Roberts, 2013.

mas antes que, para a população, os contactos sexuais entre mulheres alemãs e homens desses grupos eram considerados mais graves e reprováveis, o que tornava mais fácil para as mulheres denunciarem contactos sexuais forçados e as gravidezes resultantes como violência quando os agressores eram homens dessas categorias. Neste sentido, veja-se o trabalho de Atina Grossman (1995), onde se analisa em que medida a propaganda nazi “preparou” a população para as violações em massa pelo Exército Vermelho. A presença fortíssima dessa fobia na propaganda do regime no último ano de guerra tornou as violações como algo “expectável” com a derrota (*ibidem*: 50ss). É neste sentido que a autora anónima do diário *Uma Mulher em Berlim* se refere às violações na capital como “um acontecimento colectivo, já previsto e receado muitas vezes com antecedência, e que abrangeu toda e qualquer espécie de mulher” (Anónimo, 2006: 146). A análise dos pedidos de autorização de realização de aborto deixam Grossmann vislumbrar nos requerimentos das mulheres violadas na guerra não só traços da argumentação pró-liberalização do aborto dos anos 20 (questões sociais como justificação para o controlo da natalidade), mas também construções raciais do Terceiro Reich (Grossmann, 1995: 57ss).

Ouve-se por vezes que as leis raciais do Terceiro Reich teriam mitigado os casos de violência sexual por parte das forças alemãs nos territórios ocupados. A questão da violência sexual nos campos de concentração, sobretudo contra mulheres judias, tem sido alvo de debate, tanto no que se refere à dimensão da incidência, quanto à identidade dos agressores.¹⁰ Quanto à violência sexual perpetrada em espaços abertos, sobretudo na Europa de Leste e na União Soviética, onde a população local era tratada como sub-humana, as leis raciais não impediram os contactos sexuais: os atos de

¹⁰ Entre os trabalhos importantes nesta área veja-se *Sexual Violence Against Jewish Women During the Holocaust* (2010, organização de Sonja Maria Hedgepeth e Rochelle G. Saidel), volume que integra um largo número de estudos que apontam para a variedade de tipos de violência sexual contra as mulheres judias (violação, coerção sexual a troco de comida ou proteção, nudez forçada, aborto forçado, prostituição forçada, entre outras), para a diversidade de agressores (militares e guardas alemães, colaboradores dos alemães, outros prisioneiros, protetores nos esconderijos, etc.) e para os diversos espaços onde a violência sexual foi praticada (campos de concentração, esconderijos, frente de batalha, etc.). O volume inclui ainda uma secção sobre a presença da temática na literatura e no cinema. Veja-se também o estudo de Alana Fangrad *Rape and Sexual Violence. An Examination of the Perpetrators, Motivations and Functions of Sexual Violence against Jewish Women during the Holocaust* (2013). Num estudo anterior, Pascale Bos (2003) alertara para uma questão metodológica que deverá ser tida em conta no estudo dos relatos dos sobreviventes dos campos: a necessidade de prestar atenção ao contexto sociopolítico em que esses textos foram escritos após a guerra e em que medida essas memórias são *gendered* e moldadas pelo contexto de enunciação.

violência sexual por parte das forças alemã ocorreram em larga escala e permaneceram impunes, como concluem vários estudos.¹¹

2. A violência sexual na memória alemã da guerra

O ponto de partida da minha investigação foi a convicção, dominante no espaço público alemão pós-Reunificação, de que a violação de mulheres alemãs na Segunda Guerra Mundial fora uma questão tabu durante décadas devido ao peso da culpa alemã na memória da guerra, o que condenara as vítimas ao silêncio; apenas nos anos 90, a partir da controvérsia em torno do documentário *BeFreier und Befreite*¹² (1992) de Helke Sander e da “descoberta” do sofrimento alemão na guerra, se começou “finalmente” a falar da questão. Tais pressupostos são na realidade meias verdades,¹³ cuja imprecisão se torna visível se encararmos a literatura e a cultura alemãs não como espaços homogêneos, mas como campos plurais em constante evolução e transformação: as tendências hegemônicas duma certa época podem tornar-se, num determinado momento, periféricas e/ou sujeitas a transformação e re-significação, da mesma maneira que sentidos periféricos podem ganhar centralidade e novos significados em determinadas circunstâncias.

Podemos identificar três fases principais para a presença das violações de guerra na memória pública da República Federal da Alemanha: os discursos de vitimização da era Adenauer, o desinteresse pela temática nos discursos da culpa alemã e a redescoberta do tema através da abordagem feminista à violência sexual como produto das estruturas do patriarcado.¹⁴

Na era Adenauer, período fortemente conservador em termos de “morais e costumes” e claramente marcado por uma concepção da identidade alemã como nação cristã, domina na memória da guerra a concepção dos alemães como um povo de vítimas,

¹¹ Sobre a violência sexual perpetrada pelos militares alemães nos territórios ocupados no Leste da Europa, veja-se, por exemplo, Beck (1999, 2004); Eschebach e Mühlhäuser (2008); Gertjeanssen (2004); Mühlhäuser (2010).

¹² O título contém um jogo de palavras que torna difícil a tradução. No espaço anglo-saxónico o documentário foi apresentado com o título *Liberators take Liberties*.

¹³ São numerosos os estudos que apontam para a presença, na cultura alemã pré-Reunificação, da temática do sofrimento alemão na guerra. Veja-se, a título de exemplo, Moeller, 2006. Sobre a questão das violações, veja-se, por exemplo, o já citado trabalho de Atina Grossmann (1995).

¹⁴ Esta categorização não tem em conta o último ano da guerra e o imediato pós-guerra (sobretudo os anos 1945-6), altura em que as violações foram tratadas pelas autoridades como problema de saúde pública (problema de doenças sexualmente transmissíveis e de abortos). Nesta fase, as autoridades prestaram auxílio às mulheres (tratamentos para as doenças venéreas e flexibilização da lei do aborto para permitir pôr fim a gravidezes de crianças indesejadas, ou talvez seja mais correto afirmar flexibilização das leis do aborto para permitir pôr fim a gravidezes de crianças indesejáveis em termos raciais) (Grossmann, 1995: 52-53, 55ss.).

que, por um lado, teria sido enganado e traído pelas autoridades nazis e, por outro, fora brutalizado pelo terror soviético. Esta imagem do passado, prevaiente entre os expulsos do Leste, tornar-se-ia, fruto da forte influência das poderosas ligas de expulsos que se formaram na República Federal da Alemanha, um marcador essencial da identidade pública alemã na década de 50. Na literatura, nas memórias, nos filmes que podemos associar à memória pública dominante, encontramos referências recorrentes às violações perpetradas pelo Exército Vermelho e por grupos armados das regiões de onde os alemães foram expulsos. Veja-se o projeto de documentação do Ministério dos Expulsos que se traduziu na recolha de milhares de testemunhos e na publicação de oito volumes entre 1953 e 1962, projeto conhecido pelo título *Dokumentation der Vertreibung der Deutschen aus Ost-Mitteleuropa* [Documentação da expulsão dos alemães da Europa Central e de Leste]. No contexto deste projeto foram incluídos como anexo dois textos de memórias que viriam a ser publicados de forma autónoma e que figuram entre as obras da expulsão da era Adenauer que gozaram de maior êxito e projeção pública: o diário de Käthe von Normann *Ein Tagebuch aus Pommern* [Um diário da Pomerânia] (1955) e o relato de Hans Graf von Lehndorff *Ostpreussisches Tagebuch. Aufzeichnungen eines Arztes aus den Jahren 1945-47* [Diário Prussiano. Anotações de um médico dos anos 1945-47] (1961). A violência sexual no contexto da expulsão é inclusivamente um dos temas centrais de um outro volume da era Adenauer, *Martyrium und Heldentum Ostdeutscher Frauen. Ein Auschnitt aus der Schlesischen Passion 1945/46* [Martírio e heroísmo de mulheres da Alemanha Oriental: fragmentos do calvário silesiano 1945-46], trabalho dirigido pelo teólogo católico alemão Johannes Kaps e que conta com numerosos testemunhos de expulsos alemães. Neste tipo de textos, as mulheres e jovens violadas surgem como imagens de inocência, sendo frequentemente estilizadas como símbolos de uma população civil alemã brutalizada pelo terror soviético. Nestes discursos, domina uma imagem homogénea e estereotipada das vítimas de violência sexual, que são representadas como personificação de alguns valores da era Adenauer: fé cristã, virtudes domésticas, culto da maternidade, capacidade de dedicação e autossacrifício a favor da família e da comunidade.

Este tipo de memórias do fim da guerra prestava-se para o combate ideológico da guerra fria enquanto prova da brutalidade e da ameaça soviéticas. O tom antissoviético e anticomunista é aliás óbvio em textos como o volume de Kaps. Na introdução é afirmado que os objetivos da publicação não se limitam ao dever de memória para com as mulheres alemãs, mas passam também pelo desejo de advertência ao mundo cristão

para os perigos do bolchevismo (Kaps, 1954: 7). Não é assim de surpreender que a propaganda política da época se tenha socorrido frequentemente de fobias associadas às violações no fim da guerra. Recordemos um cartaz eleitoral de 1949 da coligação política conservadora CDU – “Nein, darum CDU” [Não, por isso CDU] – que retrata a União Soviética como homem asiático ameaçador prestes a se apoderar da República Federal ou um cartaz de 1952 do *Volksbund für Frieden und Freiheit* [Liga popular para a paz e a liberdade] (organização anti-RDA criada em 1949) que alude diretamente às violações de 1945 através da frase que a população identificava com o soldado soviético violador “Frau komm” [Mulher, anda].¹⁵ As violações de guerra foram assim integradas no combate ideológico da guerra fria, tornando-se armas políticas destinadas a desacreditar o comunismo, a União Soviética e o estado alemão rival, a RDA.¹⁶

Este tipo de projeção pública e mediática do tema foi de reduzida valia enquanto consolo e apoio às reais vítimas de violência sexual na guerra. Uma das mulheres ouvidas para o volume de Kaps explica o que levava as vítimas a preferir não falar sobre a questão:

Para mim, passados cinco anos, é ainda muito difícil falar sobre isso e angustio-me ainda muito. Foram escritos tantos relatos sobre isso, mas nada nos ajudou a nós raparigas, quanto muito éramos olhadas de lado. O melhor é mesmo não falarmos sobre isso, pois não iremos recuperar a pureza.¹⁷

¹⁵ Poderão ver-se miniaturas de alguns destes cartazes em <http://userpage.fu-berlin.de/roehrigw/lva/ws9596/texte/kk/dhm/bsp.html>, consultado a 08.03.2012.

¹⁶ Tratei estas questões nos seguintes estudos: Garraio, Júlia (2013), “Mártires cristãs do Bolchevismo. As violações de alemãs na Segunda Guerra Mundial sob um olhar católico”, in Mário Matos; Orlando Grossegeisse (orgs.), *Interkulturelle Mnemo-Graphien/ Mnemo-Grafias Interculturais/ Intercultural Mnemo-Graphies*. Universidade do Minho: Húmus, 273-290; Garraio, Júlia (2013), “Vergewaltigte deutsche Frauen und die Konstruktion einer westorientierten deutschen Nation in anti-kommunistischen Texten des Kalten Krieges”, in Peter Hanenberg; Isabel Capeloa Gil (orgs.), *Der literarische Europa-Diskurs Festschrift für Paul Michael Lützeler zum 70. Geburtstag*. Würzburg: Königshausen&Neumann; Garraio, Júlia (2012), “Hordas de Violadores. A instrumentalização da violência sexual em discursos anticomunistas alemães da Guerra Fria”, *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 96, 47-66. Disponível em <http://rccs.revues.org/4811> Este último estudo foi publicado também em inglês: Garraio, Júlia (2013), “Hordes of Rapists: The Instrumentalization of Sexual Violence in German Cold War Anti-Communist Discourses”, *RCCS Annual Review*, 5, 43-63. Disponível em <http://rccsar.revues.org/476>.

¹⁷ “Für mich ist es jetzt noch nach fünf Jahren sehr peinlich, darüber zu sprechen und regt mich noch immer sehr auf. Dann wurden darüber schon soviel Berichte geschrieben, geholfen hat es uns Mädchen doch nichts mehr, höchsten wurden wir von der Seite angesehen. Es ist wohl das Beste, darüber zu schweigen, denn die Unschuld bekommen wir doch nicht wieder.” (Kaps, 1954: 15)

Num contexto patriarcal conservador que tenta controlar a sexualidade feminina e num Estado que glorificava os prisioneiros de guerra como heróis e lhes concedia pensões e compensações por danos de guerra, mas que às mulheres violadas praticamente negava qualquer compensação económica enquanto as olhava apenas com compaixão, as vítimas de violência sexual não tinham qualquer benefício por falarem do seu passado. Pelo contrário, encontravam apenas desvantagens: embora não fossem vistas como culpadas, não evitavam que o seu “valor” como mulheres fosse considerado conspurcado.¹⁸ Por isso, não surpreende que muitas mulheres, tais como as testemunhas entrevistadas para o documentário *BeFreier und Befreite*, tenham falado apenas nos anos 1990, já em idade avançada, sobre as suas experiências de guerra. A era Adenauer oferecia um espaço público para articular a memória das violações enquanto denúncia dos crimes do Estalinismo, mas não um espaço para as mulheres superarem o trauma enquanto vítimas de violência sexual.

Na época existiram também discursos alternativos a essa memória hegemónica. Lembremos textos como o diário anónimo *Uma Mulher em Berlim* (1959)¹⁹ ou o romance de Annemarie Weber *Westend* (1966). Ambos tiveram algumas críticas positivas na imprensa, mas foram incapazes de rivalizar com os discursos dominantes, tendo permanecido nas margens.²⁰ A autora anónima aponta para as cumplicidades da população civil alemã com o regime nacional-socialista e para a falta de solidariedade na sociedade, inclusivamente dentro do espaço familiar, no momento da derrota e das privações da ocupação: vizinhos que ordenam a mulheres que “vão” com os russos para não porem a vizinhança em perigo; maridos e companheiros que desprezam as suas mulheres por estas terem sido violadas. A autora sente o fim da guerra como desmoronar do mito Homem e como derrota dos homens como sexo (Anónimo, 2006: 48). Porém, uma vez que o diário foi publicado numa sociedade que se esforçava por

¹⁸ Argumento que obras como o volume de Kaps não contribuíram para o fim da estigmatização das vítimas no estudo: Garraio, Júlia (2013), “O melhor é mesmo não falar sobre isso, pois não iremos recuperar a pureza’. Instrumentalização política, controlo da sexualidade feminina e estigmatização das vítimas de violação num texto católico alemão”, in Fernanda Henriques e Teresa Toldy (orgs.), *Quem me tocou? O corpo na simbólica religiosa. Contributos das teologias feministas*, 101-127.

¹⁹ O diário foi publicado em 1954 (Nova Iorque) em versão inglesa, seguindo-se traduções noutras línguas. O texto foi publicado em alemão em 1959 na editora Kossodo de Genebra.

²⁰ Análise as razões que poderão ter levado à falta de êxito do diário aquando da sua primeira edição alemã em dois textos: Garraio, Júlia (2013), “Uma história ‘conveniente’ de violações em tempo de guerra. Por que razão a Alemanha de Adenauer rejeitou *Uma Mulher em Berlim* e enalteceu *Diário Prussiano*”, in António Sousa Ribeiro (org.), *Representações da Violência*. Coimbra: Almedina/CES, 83-103; Garraio, Júlia (2011), “Höhlenbewohner. Die Erfahrung des totalen Krieges im Tagebuch Eine Frau in Berlin”, in Ernst W.B. Hess-Lüttich (org.), *Metropolen als Ort von Begegnung und Isolation. Interkulturelle Perspektiven auf den urbanen Raum als Sujet in Literatur und Film*. Frankfurt am Main: Peter Lang, 209-224.

reconstruir e restaurar precisamente a imagem do homem como provedor e protetor da família, não é surpreendente que o texto tenha sido também duramente criticado (os insultos sofridos levaram a autora a interditar a reedição do texto durante a sua vida) e que acabasse por cair no esquecimento.²¹ Eram êxitos cinematográficos como os filmes *Taiga* (1958), de Wolfgang Liebeneiner, e *Der Arzt von Stalingrad* [O médico de Stalingrad] (1958), de Géza von Radványi, que agradavam ao público alemão da época. Ofereciam uma revisitação à violação da mulher alemã em que grande parte dos homens alemães gostavam de ser rever, ou talvez seja mais correto dizer que ofereciam uma versão do passado que correspondia ao que muitos gostariam de ter feito. Neste dois filmes, cuja ação decorre no cativeiro soviético, os homens mostram-se dispostos a sacrificar a vida para impedir a violência sexual. Em *Taiga*, os prisioneiros alemães unem-se para protegerem a protagonista, uma prisioneira alemã, quando esta é chamada ao gabinete do comandante do campo de trabalhos forçados na Sibéria onde se encontram. A situação historicamente inverosímil - os testemunhos dos campos soviéticos apontam para a impossibilidade de resistência em casos semelhantes, não só pela brutalidade da repressão, mas também pelo estado de debilidade física dos prisioneiros - culmina num final feliz: o comandante apenas queria comunicar a libertação da heroína. Já o par amoroso do segundo filme não consegue um final feliz. Quando a relação do prisioneiro alemão com a médica russa é descoberta pelo amante dela (o comandante do campo), ele é morto e ela é levada por um grupo de guardas mongóis, uma imagem que invocava no público alemão a fobia da guerra tão fomentada por Goebbels: as hordas de violadores mongóis que integravam o Exército Vermelho.

O segundo exemplo de discursos alternativos acima referido, o romance *Westend*, oferece uma abordagem complexa à violência sexual que acompanhou a derrota alemã em Berlim. O texto adota a perspectiva de uma mulher sexualmente ativa, para quem as violações dos russos se tornam, a certo momento, uma rotina. O após-guerra é representado como uma época marcada por um largo espectro de contactos sexuais, alguns em que as linhas entre violência, prostituição e consentimento são fluídas. Ainda que através de uma história com contornos diferentes, o romance aborda, tal como o

²¹ O diário não era desconhecido em meios feministas, sendo, por exemplo, uma das fontes utilizadas para o famoso documentário de 1992 *Befreier und Befreite*. Em 2003, depois da morte da autora, foi reeditado e traduzido para várias línguas, tornando-se um êxito não apenas na Alemanha. Analiso as várias etapas na receção do diário em: Garraio, Júlia (2012), “Verschweigen, feministische Begeisterung, deutscher Opferdiskurs und romantische Trivialisierung. Die vielen Leben des Tagebuchs ‘Eine Frau in Berlin’”, *REAL. Revista de Estudos Alemães*. Disponível em http://real.letras.ulisboa.pt/uploads/textos/485_Microsoft_Word_-_Julia_Garraio.pdf.

diário anónimo, o difícil regresso do parceiro alemão, ou, mais precisamente, a impossibilidade de os amantes se reencontrarem na cumplicidade que marcava a sua relação antes das experiências do fim da guerra.

Este tipo de situação aproximava-se provavelmente da realidade conhecida por muitos casais alemães. Os anos 50 são uma época marcada por elevados números de divórcios, alguns motivados certamente por “casamentos à pressa” durante a guerra, mas muitos outros provavelmente pelas dificuldades de gestão de experiências distintas nos anos de maior violência e privações.²² No entanto, romances como *Westend* permaneceram na periferia apesar de o texto ter sido publicado numa altura em que a memória hegemónica da guerra estava a mudar na República Federal: a perceção de uma nação de vítimas iria dar lugar progressivamente à visão de uma nação de carrascos.

Em 1959, ano em que o diário anónimo foi publicado pela primeira vez em alemão, surgiu aquele que é considerado o romance alemão mais influente da segunda metade do século XX, *O Tambor de Lata* de Günter Grass, texto que recria as cumplicidades da população com o regime, desvendando o antisemitismo como sentimento profundamente entranhado na população e no quotidiano. Nos capítulos dedicados à conquista de Danzig pelo Exército Vermelho e aos primeiros tempos da ocupação soviética, não se omitem as violações de mulheres alemãs na cidade. A violação de Lina Greff, vizinha e ex-amante do narrador, no primeiro contacto com os vencedores, é relatada e comentada ironicamente, sendo mesmo insinuado que ela sentiu prazer sexual durante o ataque. Esta configuração problemática deverá ser entendida no contexto da constante falta de credibilidade da figura do narrador, Oskar. O romance não poderá ser acusado de legitimação da violência sexual, mas exhibe algumas tendências para a menorização da gravidade da violação e para o desinteresse pela temática que surgem com alguma frequência em discursos da culpa alemã: reduzido espaço dedicado à questão na representação da derrota alemã; naturalização da violência sexual como inevitabilidade na guerra; desinteresse pela voz das vítimas.²³

Mesmo assim, o ressurgimento do interesse pelas violações no espaço público alemão irá processar-se através de discursos marcados pela consciência da culpa alemã

²² Sobre o chamado “caos sexual” e a “crise do casamento” que acompanhou o imediato pós-guerra e que foi alvo de uma investida conservadora durante a época Adenauer, veja-se o capítulo “Brüchige Beziehungen” de Herzog, 2005, 83-126.

²³ Analisei a presença do tema das violações no romance *O Tambor de Lata* e noutros textos de Günter Grass em: Garraio, Júlia (2011), “Grass’ Umgang mit den Kriegsvergewaltigungen deutscher Frauen”, *Estudios Filológicos Alemanes*, 22, 435-446.

que adotam uma atitude de empatia para com as vítimas de violência sexual. Veja-se, por exemplo, o relato *Die Stunde der Frauen. Bericht aus Pommern 1944 bis 1947* [A hora das mulheres. Relato da Pomerânia de 1944 a 1947] (1988), que Christian Graf von Krockow escreveu sobre a sua irmã Libussa, jovem mulher de uma família nobre, que vivera e testemunhara as atrocidades contra a população alemã na Pomerânia (atual Polónia). O relato do sofrimento da população alemã é intercalado com a transcrição de documentos da época que aludem ao contexto e às razões históricas dos males que se abateram sobre os alemães. Tais textos deixam ver que o tipo de crimes que vitimaram os alemães tinham também sido praticados pelas forças alemãs contra o povo polaco. Sem com isso desculpabilizar as atrocidades cometidas por soviéticos e polacos, Krockow obriga o leitor a tomar consciência do contexto histórico que conduziu à brutalidade contra a população alemã e a ver os crimes dos vencedores não como uma erupção individual de violência mas antes como uma etapa num estado geral de desumanização e desprezo pela vida humana, um processo iniciado precisamente pela Alemanha.²⁴

Serão sobretudo cineastas conotadas com o movimento feminista que irão trazer a questão das violações das mulheres alemãs para o centro do debate público: Helma Sanders-Brahms com a longa-metragem *Deutschland, bleiche Mutter* [Alemanha, mãe pálida] (1980) e Helke Sander com o documentário *BeFreier und Befreite* (1992). O estudo do contributo feminista para a memória das violações de guerra atesta assim paradigmaticamente a importância de análises transdisciplinares. Os expoentes mais destacados da abordagem feminista encontram-se em produções cinematográficas, que, por sua vez, não só recorrem a fontes escritas (o caso do diário anónimo, uma das fontes do documentário), como também encetam um diálogo com a literatura: no caso do primeiro, com um poema de Brecht e um conto de Grimm, no segundo, com um poema de Goethe.

Tanto *Deutschland, bleiche Mutter* como *BeFreier und Befreite* referem crimes alemães cometidos durante o Terceiro Reich e, principalmente no primeiro, torna-se óbvia a cumplicidade de vários setores da população com o regime. Todavia, ao enveredarem por uma narrativa universal sobre as mulheres como vítimas da violência masculina no patriarcado, acabam por esbater as oportunidades que o espaço público do

²⁴ Analisei o relato de Krockow em: Garraio, Júlia (2008), “Inspiration oder Subversion? Von dem Bericht Die Stunde der Frauen bis zum Fernsehfilm Die Flucht”, *Estudios Filológicos Alemanes*, 15, 317-327.

Terceiro Reich oferecia às mulheres “aceitáveis em termos raciais” bem como a adesão de numerosas mulheres ao regime.²⁵ Nos dois filmes, as mulheres são representadas sobretudo como vítimas (a violação aparece como clímax da violência masculina), e o seu sofrimento na guerra é compreendido como parte de uma continuidade de exploração e opressão entre o pré- e o pós-guerra. Em contrapartida, os atos que perfazem a culpa alemã são atribuídos a homens (os executores) e as decisões políticas do regime são igualmente imputadas a homens, que constituíam a cúpula do regime (eram poucas as mulheres com posições oficiais de poder).

Esta visão do Terceiro Reich como período dominado pela vontade masculina em que as mulheres tiveram sobretudo um papel passivo e/ou de vítima encontra-se frequentemente em círculos feministas, mas não poderá ser equiparado ao pensamento feminista alemão, caracterizado pela diversidade e marcado por acesos debates e várias disputas. Vale a pena recordar a chamada “querela das historiadoras” (*Historikerinnenstreit*) de finais da década de 1980, em que historiadoras alemãs e germanistas norte-americanas se envolveram num aceso debate sobre o papel das mulheres alemãs no nacional-socialismo: vítimas ou cúmplices?²⁶

Deixemos a complexidade deste debate e voltemos à questão da violência sexual e às críticas que foram feitas aos dois filmes, acusados por algumas vozes de ofuscarem os crimes alemães através de uma focalização no sofrimento das mulheres alemãs:²⁷ porque é tão difícil falar das categorias agressor e vítima em relação às violações de mulheres alemãs na Segunda Guerra Mundial? O conceito “violado/a” invoca conotações de vítima, enquanto o conceito “violador/a” remete para culpa e agressão. Ora, se usarmos os indivíduos que foram vítimas de violência sexual na conquista e ocupação da Alemanha como emblemas para a população civil e/ou a nação (o que se verifica frequentemente nos discursos hegemónicos da era Adenauer), é inevitável que a questão se torne problemática e possa ser entendida como geradora de tensões com a memória dos crimes cometidos pelo Terceiro Reich.

²⁵ Sobre os problemas advindos do uso da “narrativa universal” para o caso concreto da violação das mulheres alemãs em 1945 veja-se o estudo de Bos, 2006.

²⁶ O debate teve como textos centrais os estudos: Bock, Gisela (1984), “Racism and Sexism in Nazi Germany: Motherhood, Compulsory Sterilization, and the State”, in R. Bridenthal *et al.* (orgs.), *When Biology Became Destiny: Women in Weimar and Nazi Germany*. New York: Monthly Review Press, 237-270; Koonz, Cláudia (1987), *Mothers in the Fatherland: Women, the Family and Nazi Politics*. New York: St. Martin's Press.

²⁷ A bibliografia sobre a controvérsia em torno do documentário é extensa. No volume que a cineasta organizou em torno do documentário (Sander e Johr, 2005), encontra-se um sumário das acusações feitas na altura da estreia. Veja-se também os estudos já citados de Grossmann (1995) e de Bos (2006).

Julgo que reside no receio desta possível tensão a razão de algumas reações negativas com que fui confrontada, por vezes, ao anunciar o tema de estudo do meu pós-doutoramento: “guerra é guerra”, “em todas as guerras há mulheres violadas”, “os alemães também violaram mulheres nos territórios que ocuparam” ou “os alemães fizeram coisas ainda piores”. Este tipo de afirmação revela uma certa naturalização da violência sexual enquanto pedra basilar da nossa cultura: a aceitação da inevitabilidade da violação como se se tratasse de uma “tendência masculina” que emerge inevitavelmente assim que o controlo social abranda ou faz desaparecer a ameaça de sanções. No entanto, esse tipo de afirmação dificilmente nos ajudará a perceber e conhecer a dimensão da brutalidade da ocupação alemã da União Soviética e muito menos contribuirá para o conhecimento do fenómeno da violência sexual e das relações complexas entre sexualidade, militarismo, guerra, rivalidades étnicas e identidades baseadas em construções raciais.

Em contrapartida, uma análise diferenciada da cartografia das violências na Segunda Guerra Mundial e uma reconcetualização dos conceitos violado/o e vítima poderão ajudar-nos a avançar neste campo: um indivíduo violado não terá de provar que é política e moralmente inocente para poder figurar como vítima de guerra; quando se usam destinos individuais e experiências privadas como metáforas para a comunidade e/ou a nação perde-se mais do que se ganha em termos de conhecimento do contexto histórico. Uma vez que cada contexto é feito de uma multiplicidade de destinos e de opções pessoais que tornam impossível definir um tipo de percurso como emblemático, a escolha de um percurso como sendo o paradigmático acaba por ofuscar muitos outros destinos. Se aceitarmos estes pressupostos, poder-se-á abordar os sofrimentos, os crimes e as injustiças que recaíram sobre numerosas mulheres alemãs no contexto da derrota do Terceiro Reich sem termos de recear que o tema se torne numa fase preliminar para a relativização dos crimes de guerra alemães e para discursos revisionistas.

Encontram-se vários títulos da literatura alemã das últimas décadas que mostram que uma tal abordagem é possível: *Der Verlorene* (1998) de Hans-Ulrich Treichel, *Die Unvollendeten* (2003) de Reinhard Jirgl ou *Die Mittagsfrau* (2007) de Julia Franck.²⁸ São textos muito distintos entre si, que partilham o destaque dado à violência sexual sofrida por personagens com papel de relevo nos textos em causa.

²⁸ Dois destes textos literários foram traduzidos no Brasil: *O Perdido* de Hans-Ulrich Treichel (Companhia das Letras, 2001, tradução de José Marcos Mariani de Macedo), *A Mulher do Meio-Dia* de Julia Franck (Nova Fronteira, 2008, tradução de Marcelo Backes). O romance de Jirgl foi traduzido para espanhol: *Los Inacabados* (Cómplices Editorial, 2012, tradução de Richard Gross).

Hans-Ulrich Treichel (1952) utilizou elementos autobiográficos ficcionalizados para o seu famoso *Der Verlorene*, texto em que o narrador invoca a sua infância triste e solitária, na época do milagre económico, numa família de expulsos que se tinha estabelecido na República Federal da Alemanha. O quotidiano da família é assombrado pelo que a mãe apenas consegue referir como “das Schreckliche” [o terrível], o momento durante a fuga do Leste em que o casal é surpreendido por soldados soviéticos. Temendo pela própria vida, enquanto alguns soldados apontam uma arma ao pai, a mãe entrega o filho de um ano a uma outra refugiada, que continua a marcha. O texto nunca usa a palavra violação, mas torna-se óbvio que este momento, que levou à perda do primogénito e aos estados depressivos constantes da mãe, corresponde de facto a uma situação de violação de grupo.

No romance de Reinhard Jirgl (1953), escritor proveniente da República Democrática Alemã, tão pouco se nomeia a violência sexual. A jovem Anna é a mulher mais nova da família e, por ter sido enviada como trabalhadora forçada para uma exploração agrícola dirigida por checos, acaba por se perder da família (a mãe, a avó e uma tia) quando estas são deportadas dos Sudetas no verão de 1945. Percebe-se que é violada todas as noites e que, durante a fuga para território alemão, é confrontada com situações de violência sexual. Essas experiências contribuem para a sensação de rutura profunda entre Anna e o resto da família, uma rutura que manterá com o filho (o narrador da terceira parte), que apenas se sente próximo das outras mulheres da família. Anna, apesar da competência profissional e da ambição, acabará por ter uma existência marcada pelo abandono, pela solidão e pelo abuso por parte dos homens com quem se envolve emocionalmente.

Enquanto os dois textos anteriores são de escritores da segunda geração (filhos da geração da guerra), *Die Mittagsfrau* (2007) é de uma autora da terceira geração, a romancista Julia Franck (1970). O romance tem como ponto de partida um caso da família da escritora: o abandono do pai em criança por parte da sua mãe durante a fuga para ocidente em 1945, acontecimento que é ficcionalizado no primeiro capítulo do romance. Aí, o pequeno Peter testemunha a violação da mãe por um grupo de soldados soviéticos. De seguida, ela arrasta-o para a estação, abandonando-o posteriormente numa outra estação onde deveriam mudar de comboio. Segue-se uma longa analepse que permite ao/à leitor/a ficar a conhecer a vida desta mulher, nascida em 1907 de mãe judia, e a sua existência marcada por privações, humilhações, assédio e violência sexual, opressão e abandono, sob a ameaça do antissemitismo. A violação presenciada pelo

filho em 1945 surge assim como etapa ou clímax numa biografia marcada por diversas formas de violência. Desta maneira, o romance oferece um olhar sobre a miséria, o caos e as atrocidades da guerra e do imediato após-guerra, mas retrata esse período como desfecho da evolução político-social das décadas precedentes, às quais aliás o romance dá mais espaço textual.

Nestas três obras literárias, a violência sexual sofrida na guerra e no imediato após-guerra desempenha um papel de destaque, mas as mulheres violadas não são aqui idealizadas, não são reduzidas ao momento da violação como provas da brutalidade dos vencedores, nem são transfiguradas como imagem da população alemã ou símbolo da nação derrotada. A sua existência não se deixa definir unicamente pelas violações. Trata-se de mulheres que sofreram diversos tipos de violência, mas cujos percursos e cotidiano são marcados igualmente por outras forças. São mulheres para quem a violência sexual teve um efeito devastador enquanto etapa num processo mais vasto, longo e complexo: no romance de Franck, é o culminar de um longo caminho de sofrimento, abandono e abuso; nos textos de Treichel e de Jirgl, foca-se a incapacidade de a vítima encontrar no após-guerra um contexto familiar e social capaz de a ajudar a superar o trauma, o que deixa a existência da mãe no primeiro texto assombrada pelo sentimento de culpa e de vergonha e, no segundo, prepara Anna para uma existência de abuso e solidão.²⁹

3. Considerações finais: a memória de guerra dos outros

Através desta breve apresentação tentei argumentar que o estudo do tema e a sua utilização no ensino da literatura alemã deverão prestar atenção a outros produtos culturais: propaganda eleitoral, relatos, memórias, filmes, historiografia, entre muitos outros. Tal estudo beneficiaria igualmente de uma análise das representações dos outros. Não me refiro apenas a títulos como o romance espanhol referido na parte inicial deste texto, *Demonios de Berlin*, obras que recuperam discursos e imagens recorrentes nos textos produzidos no contexto da luta cultural contra a União Soviética na época da guerra fria, dos quais o norte-americano *The Big Rape* (1951), de James Wakefield

²⁹ Apresentei um estudo sobre o significado da violação nos textos de Treichel e de Jirgl em: Garraio, Júlia (2010), “Vergewaltigung als Schlüsselbegriff einer misslungenen Vergangenheitsbewältigung: Hans Ulrich Treichels *Der Verlorene* und Reinhard Jirgls *Die Unvollendeten*”, *Eurozine*, 1-9 (contributo da *Mittelweg* 36). Disponível em <http://www.eurozine.com/articles/2010-08-16-garraio-de.html>. O texto foi publicado inicialmente, numa versão com ligeiras diferenças, no primeiro número de *REAL: Revista de Estudos Alemães*. Entretanto foi publicado um estudo posterior (Lorenz, 2014) sobre a centralidade da violência sexual no romance de Jirgl.

Burke, um êxito comercial na República Federal da Alemanha da década de 50, é provavelmente o exemplo mais destacado.³⁰ Refiro-me também e sobretudo a obras provenientes de países que sofreram a ocupação alemã.. Neste sentido, seria essencial analisar como o/as escritores/as e cineastas russos/as e de outras nacionalidades de Leste abordaram a questão da violência sexual na Segunda Guerra Mundial. Não disponho de conhecimentos linguísticos que permitam realizar um tal trabalho. Não quero, porém, deixar de apontar para algumas obras que podem ser usadas no ensino da literatura e da cultura alemã através de traduções para o alemão, como, por exemplo, alguns textos de célebres dissidentes soviéticos que, como oficiais do Exército Vermelho, participaram na ofensiva contra o Terceiro Reich, tendo abordado nos seus textos a questão das violações de mulheres alemãs. Vejam-se as memórias de Lew Kopelew *Aufbewahren für alle Zeit. Mit einem Vorwort von Heinrich Böll* [Preservado para sempre. Com um prefácio de Heinrich Böll] (1976) e o poema de Alexander Soljenítsin *Ostpreußische Nächte. Eine Dichtung in Versen* (1976) [Noites Prussianas. Um Poema em Versos], provavelmente uma das representações mais aterradoras da violência sexual cometida pelo Exército Vermelho na conquista da Prússia Oriental (vejam-se os versos referentes à violação e morte de uma criança: “Zweiundzwanzig, Höringstraße” [Rua Höring n.º 22]).³¹

Outro título soviético incontornável é a longa-metragem *Vem e Vê* (1985, Elem Klimov), filme produzido por ocasião das celebrações dos quarenta anos do fim da guerra, que se tornaria um êxito de bilheteira na União Soviética e que aparece

³⁰ Ocupo-me deste romance de propaganda em: Garraio, Júlia (2012), “Hordas de Violadores. A instrumentalização da violência sexual em discursos anticomunistas alemães da Guerra Fria”, *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 96, 47-66. Disponível em <http://rccs.revues.org/4811>. Este estudo foi publicado também em inglês: Garraio, Júlia (2013), “Hordes of Rapists: The Instrumentalization of Sexual Violence in German Cold War Anti-Communist Discourses”, *RCCS Annual Review*. 5, 43-63. Disponível em <http://rccsar.revues.org/476>.

³¹ Na parte inicial do célebre *Arquipélago Gulag* há uma breve referência à impunidade com que os membros do Exército Vermelho violavam mulheres alemãs na Prússia Oriental. Os três companheiros de cela do narrador, por este descritos com grande simpatia e como exemplo das injustiças do sistema judicial soviético, estão presos por, durante uma bebedeira de celebração dos combates, terem tentado violar a amante do chefe da contraespionagem do Exército. Os dois parágrafos sobre o incidente deixam vislumbrar uma naturalização da violação como recompensa do guerreiro, ao mesmo tempo que desvendam como a violência sexual era estruturada pelas hierarquias militares e identidades étnico-nacionais: “Há já três semanas que a guerra se travava na Alemanha e todos sabíamos perfeitamente que, tratando-se de moças alemãs, podiam ser violadas e fuziladas depois, constituindo isso quase uma distinção militar; se fossem polacas ou das nossas, russas, enviadas para a Alemanha, tolerava-se que se corresse atrás delas pela horta, nuas, dando-lhes palmadas nas nádegas: simples brincadeira e nada mais. Mas, tratando-se de uma ‘mulher de campanha’, do chefe da contra-espionagem, um qualquer sargento da retaguarda arrancou raivosamente ali mesmo os galões aos três oficiais de linha [...] e agora esses veteranos, que tinham feito toda a guerra e certamente haviam rompido mais de uma linha das trincheiras inimigas, aguardavam uma sentença do tribunal militar, que sem o tanque deles não teria chegado ainda a esta aldeia.” (Soljenitsine, 1975: 31-2).

frequentemente citado como um dos maiores filmes de guerra do século XX. A ação decorre em 1943 na Bielorrússia soviética durante a ocupação alemã e remete para as ações de retaliação das SS, que se saldaram na destruição de cerca de 600 aldeias. Grande parte do filme é preenchida pela recriação de um desses massacres, representado como acumular de violências que atinge o clímax quando os aldeões são queimados vivos numa igreja de madeira. Paradigma do sadismo dos ocupantes e seus colaboradores locais é a possibilidade de salvação que as SS oferecem aos aldeões: quem deixar os filhos para trás poderá sair. Uma mulher tenta fugir com uma criança pequena, mas é apanhada, o filho é atirado para o incêndio e ela é posteriormente violada. A representação da violação baseia-se numa utilização não realista do elemento acústico: a câmara mostra a mulher ao longe a ser atirada para dentro do camião, acompanhando, sempre ao longe, a sucessiva entrada e saída de militares, enquanto o elemento sonoro é dominado pelos gritos de aflição e dor da mulher no interior do veículo.

Esta não é a única violação no filme. Na parte final, quanto a câmara mostra o resultado do ataque da guerrilha à unidade SS responsável pelo massacre, entre os cadáveres alemães encontra-se o corpo moribundo da enfermeira com sinais de que fora violada.

A violência sexual é retratada no filme como parte integrante da escalada de violências que fazem parte da guerra, aparecendo intimamente associada à afirmação de superioridade militar, poder e vitória. No caso da mulher russa, a violação surge como marca da extrema brutalidade e sadismo das forças alemãs, em que sexualidade e vontade de humilhação se conjugam: a mulher é violada depois de obrigada a testemunhar a morte do filho, reaparecendo posteriormente, em plano aproximado, com o corpo e a face ensanguentados e uma gaita nos lábios. A violação da enfermeira alemã é insinuada como ato de vingança. Antes, a câmara mostrara-a a deliciar-se com marisco dentro de um camião enquanto as SS massacravam a aldeia. A vítima não é assim uma figura inocente no contexto da guerra, mas alguém que, embora não surja como autora material de crimes de guerra alemães, mostrou indiferença perante esses atos e tirou proveito da ocupação e da força militar alemã (tinha acesso a alimentos de luxo numa zona de miséria).

O filme poderá ser acusado de recuperar imagens da propaganda de guerra soviética que representavam a Alemanha como mulher demoníaca, reduzindo assim a violação da mulher alemã a uma “reação” aos crimes em que essa mulher estivera

enredada, o que poderá eventualmente desculpar ou, pelo menos, mitigar a responsabilidade dos agressores sexuais. Porém, a obra de Klimov pode também funcionar como um complemento à literatura e ao cinema alemães que abordam a temática. Enquanto nestes últimos as mulheres alemãs violadas tendem a surgir na “frente interna” ou no espaço civil, muitas vezes como desconhecedoras dos crimes cometidos pelo regime nacional-socialista (ou, quando conhecedoras, como mulheres que olharam para o lado em atitude de impotência, como no filme *Deutschland, bleiche Mutter*), o filme russo chama-nos a atenção para uma questão pouco presente nos discursos alemães sobre as violações: embora a ocupação do Leste e a guerra tenham sido protagonizadas sobretudo por homens, não se pode ignorar que as forças de ocupação alemãs contavam com números significativos de mulheres (secretárias, enfermeiras, médicas, guardas de campos de concentração e de prisões ou simplesmente mulheres que acompanharam maridos). O encontro da “mulher alemã” com o “russo” não se deu apenas durante a conquista da Alemanha, deu-se também antes, tanto na frente interna, através de contactos com prisioneiros eslavos enviados para trabalhar para o Terceiro Reich, como através da presença de mulheres alemãs no Leste como parte do esforço militar alemão. Por isso, a dicotomia entre uma frente interna feminina e civil e uma frente de guerra masculina e militar deverá ser relativizada para atender à multiplicidade de destinos que constituíam o que se pode agregar sob o conceito “mulher alemã”: uma diversidade de atitudes e de percursos durante a guerra com graus diversos de colaboração e de resistência. O filme de Klimov poderá assim contribuir para delinear essa multiplicidade ao projetar o foco sobre um tipo de mulher que tende a estar ausente na imagem associada ao conceito “mulher alemã violada na guerra”: a mulher alemã cúmplice dos crimes no Leste.

Enquanto o filme anterior gozou de grande apreço por parte do público na antiga União Soviética, outras obras mais recentes que dão maior destaque à violência sexual contra as mulheres alemãs tiveram um impacto mais restrito e provocaram algumas reações negativas. Veja-se o documentário *Journey back to Youth* (Alemanha, Rússia, 2000, 54 minutos) do realizador russo de origem judaica Alexander Gutman, baseado em entrevistas a quatro mulheres alemãs da Prússia que, no final da guerra, foram enviadas para campos de trabalho soviéticos. As primeiras palavras e imagens do filme são, porém, dedicadas ao pai do realizador:

Este é o meu pai, Ilja Gutman. Viu toda a guerra através da câmara. Os fascistas fuzilaram toda a sua família. O meu pai opôs-se a que eu fizesse este filme. Mas somos uma outra geração. Devemos aprender a perdoar, pois nós próprios queremos o perdão e não apenas de Deus.³²

Enquanto russo e judeu, filho de um combatente do Exército Vermelho que perdera toda a família na guerra, o realizador reconhece desde o início o potencial mal-estar que o seu filme, sobre a violência perpetuada contra mulheres que não eram responsáveis pelos crimes de guerra alemães, iria provocar no seu país de origem. Num estudo sobre o significado da violação de mulheres alemãs nas memórias pós-soviéticas, Norman Naimak (2011) nota que até ao presente domina, no espaço público russo, uma versão idealizada dos soldados do Exército Vermelho como heróis em que as violações são omitidas ou referidas apenas de passagem e sem se abordar o seu carácter maciço. Daí que a violência sexual continue a ser uma questão muito sensível e politizada, como o atestam as reações negativas ao livro de Antony Beevor e à adaptação cinematográfica de *Uma Mulher em Berlim*.

Este tipo de reação não se restringe à Rússia, verificando-se também noutras nações que se veem como vítimas do Terceiro Reich e que recordam oficial e publicamente a luta contra a Alemanha nazi como percurso de sofrimento, perdas e sacrifícios por parte de gente que não queria a guerra e que foi obrigada pela História a se defender através das armas. Veja-se, por exemplo, o caso recente (outubro de 2013) da escultura de um soldado do Exército Vermelho a violar uma mulher grávida, que um estudante de arte polaco de 26 anos, Jerzy Bohdan Szumczyk, instalou, sem autorização, junto a um tanque soviético do memorial à Segunda Guerra em Gdansk. A cidade fora palco de violações em larga escala de mulheres alemãs, mas a experiência de violação por parte do Exército Vermelho atingiu também numerosas mulheres polacas. Segundo o escultor, este *happening* pretendia apenas chamar a atenção para os horrores da guerra e o sofrimento das mulheres em conflitos armados. Porém, a escultura provocou um tal mal-estar que foi retirada de imediato e o estudante ainda temeu ser indiciado por incitamento ao ódio étnico. O incidente provocou um aceso debate na Polónia e duras

³² “Das ist mein Vater, Ilja Gutman. Er hat den ganzen Krieg durch die Kamera gesehen. Die Faschisten haben seine ganze Familie erschossen. Mein Vater war dagegen, dass ich diesen Film drehe. Aber wir sind eine andere Generation. Wir sollen verzeihen lernen, denn selber wollen wir auch Verzeihung und nicht nur durch Gott.”

críticas tanto de vozes polacas como por parte do Embaixador russo em Varsóvia, que definiu a escultura como um sacrilégio e afronta aos 600 mil soldados soviéticos que tinham perecido na libertação da Polónia do jugo nazi.³³

A força dos discursos nacionalistas, interligada a uma memória de sofrimento, torna difícil a abordagem à temática, e os artistas da Europa de Leste que o fazem não escapam à acusação de traição. Veja-se uma exposição de Lukáš Houdek que foi apresentada na Biblioteca Técnica Nacional de Praga em 2013 com o título “The Art of Killing”.³⁴ Com este projeto, o fotógrafo checo de 27 anos, descendente de checos que foram viver para casas de alemães expulsos da Checoslováquia, tentou retratar momentos documentados da expulsão da população alemã em 1945, utilizando bonecos e acessórios da coleção Barbie como atores em fotografias a preto e branco.³⁵ Entre as fotos encontram-se várias referências às violações de mulheres alemãs. Na foto com a legenda “Žatec (Saaz), junho de 1945. Procura de joias escondidas e violação em larga escala de mulheres e crianças no quartel de Žatec”, é representada a violação de uma mulher adulta por um militar, enquanto uma outra mulher rasteja nua pelo chão e três militares armados obrigam uma terceira mulher e uma criança a despirem-se.

Em conversa com o jornal alemão *Süddeutsche Zeitung* (ver nota rodapé 35), Houdek afirma que, apesar da investigação histórica, o tema da expulsão não só permanece ausente do debate público na República Checa, como até é banalizado e negado por alguns. O fotógrafo recusa-se a tecer acusações aos checos de 1945 e ao seu desejo de vingança, mas o mesmo já não se verifica com a população atual. As suas

³³ Este incidente foi amplamente noticiado fora da Polónia. Veja-se, por exemplo, a notícia do semanário *Der Spiegel* “Polen: Vergewaltigungs-Skulptur schokiert russischen Botschaftler” (17.10.2013). Consultado a 20.10.2013, em <http://www.spiegel.de/politik/ausland/skulptur-einer-vergewaltigung-in-polen-schockiert-russischen-botschafter-a-928457.html>.

³⁴ As 25 fotografias da exposição podem ser vistas na página do fotógrafo: <http://www.houdeklukas.com/#!killing/c1175> (consultada a 20.02.2014). O Centro Checo exibiu o trabalho em Munique (de 26.11.2013 a 10.01.2014) (consultado a 20.02.2014, em <http://munich.czechcentres.cz/programm/detail/lukas-houdek-die-kunst-des-totens/>) e em Milão (a partir de 3 de abril de 2014) (consultado a 20.04.2014, em <http://milano.czechcentres.cz/su-di-noi/press-releases/lukas-houdek-larte-di-uccidere2/>). De 17.05.2014 a 22.06.2014 o trabalho está em exposição em Chemnitz/Alemanha (consultado a 20.05.2014, em <http://www.alina-gallery.com/>). Como se poderá ver no site do fotógrafo, a série faz parte dos projetos de Houdek sobre o pós-guerra, em que se incluem também “The Art of Settling”, “You have to forget about Johann”, “Poor Morning of Maria B.”, “The Abandoned Lives”.

³⁵ A informação sobre esta exposição provém, em grande parte, do site do fotógrafo acima referido e de um artigo do jornal alemão *Süddeutsche Zeitung*, “Lukáš Houdek – ‘Meine Landsleute nennen mich Verräter’”(19.02.2013), consultado a 20.09.2013, em <http://www.sueddeutsche.de/kultur/fotokuenstler-luk-houdek-meine-landsleute-nennen-mich-verraeter-1.1601457>. Veja-se também uma entrevista de Houdek à Radio Praha “Lukáš Houdek, a photographer, writer and curator tackling prejudices head-on”, consultado a 10.05.2014, em <http://www.radio.cz/en/section/one-on-one/lukas-houdek-a-photographer-writer-and-curator-tackling-prejudices-head-on>.

fotografias não têm por objetivo apenas dar visibilidade a essa violência suprimida da memória oficial, integrando igualmente uma crítica a essa supressão:

Muitos checos agem como se nada tivesse acontecido, como se estes assassinatos não tivessem acontecido. A expressão facial amigável dos bonecos pretende denunciar a hipocrisia generalizada na sociedade checa. (*ibidem*)³⁶

O projeto valeu ao fotógrafo diversas críticas, acusações de traição, de aproximação ao pensamento neonazi e de trivialização dos crimes alemães, mas igualmente numerosas reações positivas, sobretudo de jovens e de intelectuais, o que Houdek interpreta como sinal de mudança na população checa perante a memória da guerra.³⁷

Questionado sobre o uso de bonecos da coleção Barbie para a recriação da violência da expulsão, Houdek disse, em declarações à *Süddeutsche Zeitung*, “Sie sehen aus wie wir.” [Parecem-se conosco], afirmação surpreendente, tendo em conta as frequentes críticas à famosa boneca por propagar um ideal físico feminino irrealista. No entanto, se deslocarmos esta afirmação dos debates feministas sobre modelos de beleza feminina e olharmos a boneca Barbie exclusivamente como parte integrante do imaginário contemporâneo da infância, poderemos entender as afirmações de Houdek no sentido de familiaridade. As fotos invocam, através de Barbie e Ken, imagens privadas do nosso quotidiano (uma cultura de consumo e culto da beleza corporal transmitida por brinquedos), capazes de criar uma sensação de proximidade e mesmo intimidade. Ora, o contraste entre essas associações e as situações de violência de guerra retratadas criam uma tensão fortíssima destinada a abalar o/a espetador/a. Neste sentido, a estetização inerente ao uso dos modelos Barbie não acarretará a banalização da violência, mas, pelo contrário, minará a percepção de familiaridade ao provocar uma estranheza desafiadora do/a espetador/a. Podemos ver nesta opção uma atualização do famoso efeito de estranhamento (*Verfremdungseffekt*) que é comumente identificado com o teatro épico de Brecht: uma representação que permite reconhecer o assunto

³⁶ “Viele Tschechen tun so, als wäre nichts passiert, als hätten diese Morde nicht stattgefunden. Der freundliche Gesichtsausdruck der Puppen soll die in der tschechischen Gesellschaft weitverbreitete Scheinheiligkeit anprangern”.

³⁷ Não deveremos esquecer que a exposição gozou de apoio por parte de instituições públicas checas: a exibição na Biblioteca Nacional de Praga e, através do Centro Checo, em Milão e Munique (ver nota de rodapé número 34).

retratado ao mesmo tempo que o faz surgir como estranho; uma representação que retira o carácter evidente, conhecido, esclarecedor a um processo ou uma personagem para fomentar o espanto perante eles.³⁸

O uso dos bonecos Barbie parece de facto corresponder ao sentido postulado por Brecht de técnicas destinadas a impedir um envolvimento emocional do público com a peça através da chamada de atenção para a artificialidade da representação teatral, ou seja, estratégias destinadas a manter o/a espetador/a consciente de que se trata de uma representação da realidade e nunca da realidade. Neste sentido, as fotografias Barbie conseguirão atingir um efeito mais profundo do que se estivéssemos perante fotografias realistas. A abordagem realista criaria provavelmente associações com imagens de outras guerras contemporâneas onde se verificaram situações parecidas, o que resultaria não apenas numa sensação de repetição (a percepção de que se tratou de uma guerra como muitas outras), mas igualmente num sentimento de piedade “a-crítica”, na medida em que a equiparação com a guerra enquanto fenómeno universal permite fugir a uma reflexão sobre o caso concreto da Checoslováquia em 1945. As fotografias com os bonecos Barbie, pelo contrário, pela sua artificialidade, fomentam a reflexão crítica sobre o modo de representação e a sua adequação ao que se pretende representar. Nas fotografias de Houdek, os bonecos Barbie poderão assim adquirir uma função política no sentido promovido pelo teatro de Brecht: estimulam um olhar distanciado que, ao mesmo tempo que é convidado a ganhar consciência da dimensão da violência exercida contra os alemães dos Sudetas, não perde de vista que se trata de uma representação de um contexto histórico concreto, barrando assim uma identificação emocional exclusiva com um momento e um ator concreto; em suma, promovem um olhar que não dá respostas, mas que pretende levar o/a espetador/a a juntar estas representações às que recebeu através dos meios de memória pública e oficial, e, através do sentido crítico, encontrar as suas opiniões sobre situações complexas e dilemas morais. Passados quase 70 anos, os acontecimentos retratados continuam a provocar reações inflamadas e a ser alvo de controvérsia e debate. Como tal, não será a abordagem de Houdek adequada para estimular a reflexão sobre acontecimentos históricos de uma tal complexidade?

³⁸ O conceito foi discutido por Brecht, entre outros, nos seus escritos *Neue Technik der Schauspielkunst* (1940) e *Kleines Organon für das Theater* (1949).

Referências bibliográficas

- Anônimo (2006), *Uma mulher em Berlim*. Lisboa: Texto Editores (Tradução de Hans Helmker e de Fernanda Helmker).
- Beck, Birgit (1999), “Sexuelle Gewalt und Krieg. Geschlecht, Rasse und der nationalsozialistische Vernichtungsfeldzug gegen die Sowjetunion, 1941-1945”, in Veronika Aegerter et al. (orgs.), *Geschlecht hat Methode. Ansätze und Perspektiven in der Frauen- und Geschlechtergeschichte. Beiträge der 9. Schweizerischen Historikerinnentagung 1998*. Zürich: Chronos, 223-234.
- Beck, Birgit (2004), *Wehrmacht und sexuelle Gewalt. Sexuelverbrechen vor deutschen Militärgerichten 1939-45*. Paderborn: Schöningh.
- Beevor, Antony (2002), *Berlin: The Downfall 1945*. London: Penguin.
- Bischl, Kerstin (2012), “Telling Stories. Gender Relationships and Masculinity in the Red Army 1941-45”, in Röger Maren; Ruth Leiserowitz (orgs.), *Women and Men at War: A Gender Perspective on World War II and its Aftermath in Central and Eastern Europe*. Osnabrück: Fibre, 117-134.
- Bos, Pascale (2003), “Women and the Holocaust: Analyzing Gender Difference”, in Elisabeth Baer; Myrna Goldenberg (orgs.), *Experience and Expression: Women, Nazis, and the Holocaust*. Detroit, MI: Wayne State, 23-52.
- Bos, Pascale (2006), “Feminists interpreting the Politics of Wartime Rape: Berlin, 1945; Yugoslavia, 1992-93”, *Signs: Journal of Women in Culture and Society*, 31(4), 995-1025.
- Dahlke, Birgit (2000), “Frau komm!': Vergewaltigungen 1945. Zur Geschichte eines Diskurses”, in Birgit Dahlke; Martina Langermann; Thomas Taterka (orgs.), *LiteraturGesellschaft DDR: Kanonkämpfe und ihre Geschichte(n)*. Stuttgart: Metzler, 275-311.
- Dahlke, Birgit (2007), “Vom Gewaltsymbol zum Verdrängungsnarrativ. Deutungskämpfe um die Chiffre „1945“ im kollektiven Gedächtnis (nicht nur) der DDR”, in Carsten Gansel (org.), *Gedächtnis und Literatur in den geschlossenen Gesellschaften des Real-Sozialismus zwischen 1945 und 1989*. Göttingen: V&R Unipress, 39-52.
- Eschebach, Insa; Mühlhäuser, Regina (orgs.) (2008), *Krieg und Geschlecht. Sexuelle Gewalt im Krieg und Sex-Zwangsarbeit in NS-Konzentrationslagern*. Berlin: Metropol.

- Gertjeanssen, Wendy Jo (2004), *Victims, Heroes, Survivors: Sexual Violence on the Eastern Front During World War II*. Tese de Doutorado apresentada à University of Minnesota, Estados Unidos.
- Grossmann, Atina (1995), “Eine Frage des Schweigens?: die Vergewaltigung deutscher Frauen durch Besatzungssoldaten”, *Sozialwissenschaftliche Informationen*, 24, 109-119.
- Kaps, Johannes (1954), *Martyrium und Heldentum Ostdeutscher Frauen. Ein Ausschnitt aus der Schlesischen Passion 1945/46*. München: Christ Unterwegs.
- Herzog, Dagmar (2005), *Die Politisierung der Lust. Sexualität in der deutschen Geschichte des 20. Jahrhundert*. München, Siedler.
- Lilly, Robert (2003), *La face cachée des GI's. Les viols commis par des soldats américains en France, en Angleterre et en Allemagne pendant la Seconde Guerre mondiale*. Paris: Payot.
- Lorenz, Matthias N. (2014), „»Familie – der Schoß, dem aller Dreck entsteigt.« Sexuelle Gewalt und ihre intergenerationelle Tradierung als zentrale Motive in Reinhard Jirgls Familienroman »Die Unvollendeten«, in Jan Süselbeck (org.) *Familiengefühle. Genetationengeschichte und NS-Erinnerung in den Medien*. Berlin: Verbrecher Verlag, 219-254.
- Moeller, Robert G. (2006), “The Politics of the Past in the 1950s: Rhetorics of Victimization in East and West Germany”, in Bill Niven (org.), *Germans as Victims. Remembering the Past in Contemporary Germany*. Basingstoke: Palgrave Macmillan, 26-42.
- Mühlhäuser, Regina (2010), *Eroberungen. Sexuelle Gewalttaten und intime Beziehungen deutscher Soldaten in der Sowjetunion 1941-1945*. Hamburg: Hamburger Edition.
- Naimark, Norman (1995), *The Russians in Germany: A History of the Soviet Zone of Occupation, 1945-1949*. Cambridge: Belknap Press of Harvard University Press.
- Naimark, Norman (2011), “Russes et allemands: viols de guerre et mémoires post-soviétiques”, in R.Branche; F. Virgili (orgs.), *Les viols en temps de guerre*. Paris: Payot.
- Roberts, Mary Louise (2013), *What Soldiers Do: Sex and the American G.I. In World War Two France, 1944-1946*. Chicago: University of Chicago Press.

- Schmidt-Harzbach, Ingrid (2005), "Eine Woche im April. Berlin 1945", in Helke Sander; Barbara Jahr (orgs.), *Befreier und Befreite. Krieg, Vergewaltigung, Kinder*. Frankfurt amMain: Fischer Taschenbuch Verlag, 21-45.
- Sander, Helke; Jahr, Barbara (orgs.) (2005), *Befreier und Befreite. Krieg, Vergewaltigung, Kinder*. Frankfurt am Main: Fischer Taschenbuch Verlag.
- Soljenitsine, Alexandre (1975), *Arquipélago de Gulag*. Lisboa: Bertrand.
- Valle, Ignacio del (2009), *Demonios de Berlin*. Madrid: Alfaguara.
- Zeidler, Manfred (2001), "Die Tötungs- und Vergewaltigungsverbrechen der Roten Armee auf deutschem Boden 1944/45", in Wolfram Wette; Gerd R. Ueberschär (orgs.), *Kriegsverbrechen im 20. Jahrhundert*. Darmstadt: Primus-Verlag, 419-432.